



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - 2019

ASPECTOS IMAGÉTICOS NAS PRÁTICAS CIENTÍFICAS DO FUNCIONÁRIO-NATURALISTA DOMINGOS ALVES BRANCO MUNIZ BARRETO (1768-1808)

Wilton Alves Ferreira Júnior¹; Rodrigo Osório Pereira²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: wfjr.alves@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: rodrigohistoria1983@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Imagens; Botânica; Império Português.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende analisar práticas imagéticas do naturalista Domingos Alves Branco Muniz Barreto, um baiano nascido na cidade de Maragogipe, em 1748 e falecido na cidade do Rio de Janeiro, aos 83 anos de idade, em 19 de julho de 1831, que passou a maior parte da vida atuando como militar, posição que lhe permitiu percorrer o território do Brasil, executando tarefas estratégicas de interesse da Coroa portuguesa, dentre elas a produção de conhecimentos sobre o mundo natural, o que inclui *memórias*, relações, mapas e estampas.

Nossa incursão pretende mapear sua inserção nestas dinâmicas de interesses para o mundo colonial. Observar sua trajetória e sua atuação como funcionário-naturalista na Capitania da Bahia, nas décadas finais da segunda metade do século XVIII, poderá nos dar indícios sobre como as políticas coloniais para a botânica se organizavam, destacando suas possibilidades e limitantes.

Aproximaremos de Muniz Barreto através de suas “memórias” que sobreviveram ao tempo, dedicando especial atenção a duas específicas: um pequeno “manual de estamperia” denominado “*Regras pelas quais se deve estampar as ervas medicinais e fazer colher as suas ramas e raízes em tempos próprios, não só do modo que apontam os melhores autores, mas segundo as reflexões que tenho feito a esse respeito*” e um compilado de estampas sob o título de “*Plantas do Certão do Gram Pará*”. Com estas fontes, pretendemos indagar sobre os aspectos imagéticos nas suas dimensões úteis, estéticas e informativas.

MATERIAL E MÉTODOS

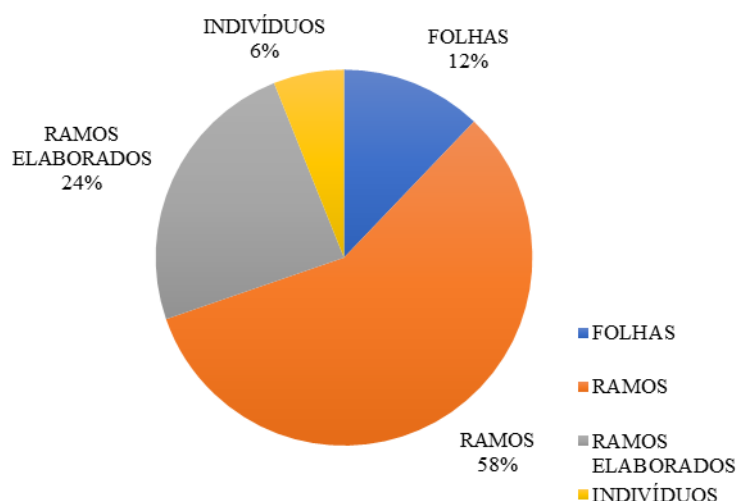
Nessa investigação pretendemos dividir nossa análise em dois momentos distintos. Em um primeiro momento, comparar as preocupações relativas à botânica, mais especificamente às estampas encontradas nas “*instruções de viagem*” que circulavam no

período com as teses sobre o modo de estampar e as estampas produzidas por Muniz Barreto. Em um segundo momento, comparar estampas produzidas por outros naturalistas do período com as estampas produzidas por Domingos Muniz Barreto.

DISCUSSÃO

Percebemos que a maior parte das estampas de Muniz Barreto são debuxos de pequenos e médios ramos contendo basicamente poucas folhas e caules incipientes. Das estampas, as que mais chamam atenção são os ramos mais elaborados que contêm uma maior variedade de estruturas vegetais, como espinhos, especialmente uma que contém uma flor. Mesmo as poucas estampas que contêm plantas quase inteiras não apresentam partes importantes como raízes, flores e frutos.

Tabela 1. Estampas botânicas de Domingos A. B. Muniz Barreto por tipo:



Fonte: o autor.

Quanto aos aspectos formais, a técnica de execução das estampas era bastante amadora, os desenhos são chapados, sem perspectiva, não há sombras, a sua paleta de cores é de uma amplitude muito reduzida, variando basicamente em tons de verde, alguns poucos tons de amarelo, raríssimos vermelhos, o que não se pode inferir ser escassez de recursos materiais ou pouca flexibilidade e técnica do naturalista. Quanto ao papel, embora não tenha acessado as estampas originais, o vazamento de tinta no verso das estampas é intenso mesmo na observação através de fotografias, o que indica um papel de gramatura inadequada para aquarela.

Quando comparadas com outras estampas produzidas por naturalistas no período é que percebemos a singularidade das estampas de Muniz Barreto. Enquanto expedições como a de Alexandre Rodrigues Ferreira preparava um sofisticado material imagético voltado para o trato em gabinetes e para futuras publicações, o trabalho de Muniz Barreto tinha um propósito mais prático e imediato, uma tentativa de comunicação que se pretendia universal para suas imagens, que pudesse ser lida e compreendida pelos indígenas.

Não se tratava de desconhecimento do capitão-naturalista as regras acadêmicas para a produção de estampas botânicas, pois ele demonstra ter ciência de forma peculiar de produção: “e quanto às estampas que remeto, sei que essa Academia (Real de Ciências de Lisboa) poderá notar o não serem estampadas as ervas e arbustos proporcionalmente no seu todo e raiz” (MUNIZ BARRETO, 2008, p. 65). Ao olhar suas estampas percebemos que além de uma opção, a simplicidade de suas produções demonstram também pouca técnica de desenho, contudo a sua forma de estampar atende às suas necessidades e lhe é útil:

Para melhor me persuadir do que afirmaram depois que estampej os mesmos vegetais, mandei diferentes vezes, por dois índios que nenhuma inteligência tinham dessa matéria, procurar de mistura entre outras ervas aquelas, ou aquela que me parecia, para o que lhes dava a estampa e com efeito consegui que por ela me trouxessem o mesmo que lhes pedia (MUNIZ BARRETO, 2008, p. 68).

Esse tipo de confirmação prática logrou a aprovação do nosso naturalista, justificando, portanto, o desenvolvimento de uma série de teses defendidas por Muniz Barreto, muitas delas em atrito com o que postulavam as academias europeias de ciência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Domingos Alves Branco Muniz Barreto constitui-se um personagem ímpar para entendermos as dinâmicas entre ciência e poder na sociedade colonial luso-brasileira, pois sua atuação mobilizou uma combinação de diferentes interesses, promovendo um diálogo entre saberes acadêmicos e saberes tradicionais indígenas na produção de um produto muito original e singular.

Na produção iconográfica de Muniz Barreto, a preocupação é, sobretudo prática e não estética/plástica, mas sim a sua capacidade comunicativa, a de fazer reconhecer pelos indígenas os vegetais representados. Ao olharmos hoje as estampas de Domingos Muniz Barreto, talvez seja difícil atribuir a ele a descoberta de algum vegetal, pois suas preocupações práticas e imediatas o fizeram abdicar de estampar estruturas importantes na hora de definir novas espécies, como os sistemas reprodutivos dos vegetais, flores e frutos. Contudo, certamente sua produção imagética detém grande valor histórico e científico por nos ajudar a recuperar as pegadas trilhadas por importantes ramos da ciência moderna como a botânica

REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. O. A botânica como missão pedagógica: Manuel Arruda da Câmara e a peculiaridade de suas interpretações sobre as espécies brasileiras (1752-1811). *CLIO. Série História do Nordeste* (UFPE), v. 1, p. 180-205, 2011.

FARIA, Miguel Figueira de. *A imagem útil: José Joaquim Freire (1760-1840), desenhador topográfico e de história natural*. Lisboa: Universidade Autónoma Editora, 2001.

FARIAS, Poliana C. *Domingos Alves Branco Muniz Barreto: ciência, economia e poder na Bahia (1788-1800)*. Salvador: UFBA; Feira de Santana, BA: UEFS, 2010.

MUNIZ BARRETO, Domingos Alves Branco. *O feliz clima do Brasil de Domingos Alves Branco Muniz Barreto (1793)*. Rio de Janeiro: Dantes, 2008.

PATACA, Ermelinda Moutinho; PINHEIRO, Rachel. Instruções de viagem para a investigação científica do território brasileiro. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, v.3, n.1, p.58-79. 2005.

PEREIRA, Rodrigo Osório. *Império Botânico: as políticas portuguesas para a flora da Bahia Atlântica Colonial (1768-1808)*. 1. ed. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.

PEREIRA, Rodrigo Osório. O naturalista Domingos Alves Branco Muniz Barreto no Império Botânico Colonial: uma análise de aspectos da produção científica de um autodidata da Filosofia Natural na Bahia Atlântica (1768-1808). In: *Anais do XXIX Simpósio Nacional de História*. Brasília, 2017.

RAMINELLI, Ronald J. Ciência e Colonização- Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. *Revista Tempo*, Niterói, v. 7, p. 5-28, 1998.

SCHIAVINATTO, Iara Lis; PATACA, Ermelinda Moutinho. Entre imagens e textos: os manuais como práxis de saber. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.23, n.2, abr.-jun. 2016, p.551-566.

SCHWARTZ, Stuart B. *Burocracia e Sociedade no Brasil Colonial*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

VANDELLI, Domenico. Viagens Filosóficas ou Dissertação Sobre as Importantes Regras que o Filósofo Naturalista nas suas Peregrinações deve Principalmente Observar. In: *O gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli*. Rio de Janeiro: Dantes, 2008.